



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO JANEIRO**

**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**MARILANE LEONIDIO**

**POR UMA ESCOLA ALEGRE: A PROPOSTA PEDAGÓGICA DE  
RUBEM ALVES**

**RIO DE JANEIRO**

**AGOSTO DE 2017**

**POR UMA ESCOLA ALEGRE: A PROPOSTA PEDAGÓGICA DE  
RUBEM ALVES**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à  
obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Reuber Gerbassi Scofano

**RIO DE JANEIRO**

**AGOSTO DE 2017**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**MARILANE LEONIDIO**

**POR UMA ESCOLA ALEGRE: A PROPOSTA PEDAGÓGICA DE  
RUBEM ALVES**

**MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO**

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>.

Reuber Gerbassi Scofano

Orientador

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup>

Alexandre Palma da Silva

Examinador(a)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.

Marta Lima de Souza

Examinador(a)

**RIO DE JANEIRO**

**AGOSTO DE 2017**

**MARILANE LEONIDIO**

**POR UMA ESCOLA ALEGRE: A PROPOSTA PEDAGÓGICA DE  
RUBEM ALVES**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

**Aprovada em : 11 / 08 / 2017**

**Banca examinadora**

---

Prof.º. Dr.º – Reuber Gerbassi Scofano - Orientador

---

Profº.Drº. – Alexandre Palma da Silva

---

Profª.Drª. Marta Lima de Souza

**RIO DE JANEIRO**

**AGOSTO DE 2017**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente a Deus por sempre estar presente em minha vida, me dando forças dia após dia, que me presenteou com a realização da minha graduação;

Aos meus familiares que acreditaram em minha capacidade e estiveram ao meu lado me dando forças para não desistir;

Aos que torceram e acreditaram que um dia eu chegaria aqui;

Aos professores que com amor a profissão se empenharam em transmitir conhecimento e o lado inspirador da educação de uma forma muito carinhosa, em especial ao professor Reuber Gerbassi que tive o prazer de conviver em mais de uma disciplina, transmitindo seu conhecimento sempre com muita paciência e dedicação, hoje meu orientador;

Aos amigos que tive o prazer de conhecer e me relacionar durante todo o curso e que levarei para o resto da vida em meu coração;

Aos amigos verdadeiros que torceram por min. E porque não, também aos que pensaram que seria impossível, ofereço a demonstração da minha vitória.

## RESUMO

Este trabalho tem por propósito problematizar as ideias de Rubem Azevedo Alves em relação ao Sistema Educacional Brasileiro. Constitui-se em pesquisa bibliográfica, realizada em alguns livros do autor e vídeos de entrevista do mesmo. O objetivo principal é relatar como o autor via o sistema educacional brasileiro e seus sonhos em relação a educação no Brasil. No primeiro capítulo, relato sobre a biografia do autor. Nos demais capítulos falo de sua crítica a forma do sistema educacional brasileiro e sobre seus sonhos em relação a um tipo de educação diferente, onde o prazer e alegria de ensinar deve vir em primeiro lugar. O encontro do autor com a escola com que sempre sonhou, mas jamais imaginou existir, onde o mesmo relata a felicidade e encantamento que sentiu, ao se deparar com essa escola. Falo sobre suas reflexões e contribuições para educação no Brasil e o desejo que sentia ao falar do que é ser um educador. As obras do Autor, nos fazem refletir sobre a educação e a formação do professor, de uma maneira muito poética. São obras de leituras agradáveis, que nos levam a refletir através de contos relatados pelo autor. Ele fala que devemos ensinar com alegria e deixa claro que é um exercício de imortalidade, e que de alguma maneira continuamos a viver naqueles olhos que aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra, sendo que dessa forma o professor não morre jamais.

**Palavras-Chave:** Sistema educacional brasileiro, papel do educador, escola ideal, Alegria na escola

## SUMÁRIO

Introdução.....	6
Capítulo 1 .....	9
O Mestre Rubem Alves e sua trajetória.....	9
Capítulo 2 .....	14
As críticas de Rubem Alves à escola tradicional Brasileira.....	14
Capítulo 3 .....	28
O encontro de Rubem Alves com a escola da ponte e suas contribuições para a educação brasileira.....	28
Conclusão .....	36
Bibliografia .....	38

## INTRODUÇÃO

O motivo que me levou a falar sobre Rubem Alves, foi depois que fiz uma disciplina eletiva do professor Reuber, hoje meu orientador, a qual todos os textos que foram aplicados nesta disciplina, eram de Rubem Alves e Paulo Freire, amei a maneira como Alves via a educação e decidi me aprofundar melhor em suas obras e daí fazer minha pesquisa bibliográfica, falando sobre o mesmo. Rubem Alves apresenta em seus livros uma série de contos, os quais contêm em si nuances que provocam reflexões sobre o processo de aprendizagem, sobre as estruturas educacionais, sobre os ambientes de vivência dos alunos, entre tantos outros aspectos que compõem a educação. Em cada capítulo de seus livros uma história bem contada, articulada, numa linguagem simples, leva o leitor a apegar-se a detalhes que por vezes passam despercebidos em meio à rotina das atividades educacionais. Em um de seus livros o Autor começa relatando que existem professores e educadores. A diferença que existe entre eles é o amor. São confundidos assim com se confundem jequitibás e eucaliptos. Na analogia jequitibás são os educadores, arvores raras que demora crescer. Preocupa-se com a relação alunos de forma que interioriza, definida por sua paixão, sonhos e esperanças. E os professores, são como eucaliptos, nascem em qualquer lugar, ensinar é profissão, que se interessa no crédito cultural das disciplinas que é dominado e segue leis a partir de um interesse de sistemas, onde qualquer um que ensina é professor. Fala ainda que o educador deve saber discursar no ato de educar, saber usar os símbolos e palavras que circulam entre os educandos. O processo educacional deve ser entendido junto com os fatores biológicos, sociais e políticos referentes ao mundo da criança. No entanto, a nossa prática educacional tradicional, manipula o aluno conforme os interesses da sociedade, que controla o seu comportamento e o orienta à integração na vida social. Em vários livros, o autor escreve textos comparando os educandos com personagens, tais como vaca, sapo, dentre outros,



utilizados como metáforas para demonstrar a forma como o ensinar é desenvolvido na vida dos alunos. Ele fala da forma como o conhecimento é concebido, afirmando que muitos dos conteúdos e métodos disponíveis para os alunos não são eficazes, e muitas vezes, os professores não se preocupam em avaliar a satisfação, a alegria em aprender e sim estão presos a conteúdos. Os alunos são obrigados a um procedimento letivo cansativo e rotineiro, onde o conhecimento acaba sendo algo condicionado. A escola não é vista como espaço de prazer e sim de tormento e obrigação, onde a figura do professor se apresenta como a de um líder punitivo e sem atrativos para os alunos. As crianças são levadas a todo um processo forçado e pesado ao longo de seu curso acadêmico. O autor critica a máquina educacional por aquilo em que ela pretende produzir, por aquilo em que ela deseja transformar nossos jovens. A forma como o aluno é avaliado faz com que a alegria e o prazer de estudar fiquem apagados. A escola deve levar a alegria de ensinar através de avaliações não tão metódicas e desestimulantes para os alunos. Deve-se levar em conta a particularidade de cada um. No livro *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*, Rubem Alves, relata a realidade da Escola da Ponte localizada em Portugal. Essa escola surgiu com o desejo de que se respeitasse as diferenças individuais e se tratasse os alunos com amor, uma escola dos sonhos, uma escola sem defeitos onde a palavra-chave é a união de todos sem distinção. Todo o texto está envolvido por encantamento. Sentimos em cada palavra lida a poesia e admiração que o Autor sentia, e ficamos em cada trecho tão surpreendidos quanto o autor com cada descoberta e os exemplos de ensino-aprendizagem que a Escola da Ponte nos ensina. O autor nos leva à uma reflexão, nos faz ver que é possível uma escola diferente, inovadora, um lugar onde se buscam ferramentas e soluções em conjunto para uma convivência em grupo, que ensina que é possível aprender ensinando e dividindo os saberes, assim como é possível aos professores ensinar aprendendo, se assim derem espaço para os seus alunos

desenvolverem seus saberes. O livro também nos faz perceber que é possível ter uma comunhão de ideias, uma harmonia de sentimentos, um desenvolver de interesses comuns.

## **CAPITULO 01**

### **O MESTRE RUBEM ALVES E SUA TRAJETÓRI**

Rubem Azevedo Alves um dos mais brilhantes educadores brasileiros, nasceu em 15 de setembro de 1933 em Boa Esperança, sul de Minas Gerais. Foi teólogo, educador, psicanalista, escritor e pastor presbiteriano. Autor de vários livros educacionais, existenciais, infantis e religiosos; é considerado um dos maiores filósofos da educação brasileira de todos os tempos. Ainda na adolescência, transferiu-se com sua família para o Rio de Janeiro no ano de 1945. Criado em família protestante, ao final do ginásio, ingressou no Seminário Presbiteriano de Campinas que frequentou de 1953 à 1957. Foi bem sucedido no estudo de teologia, e em 1958 após ter se formado pastor, decidiu então regressar para seu Estado natal, para exercer a função na cidade de Lavras Minas Gerais. Casou-se com Lidia Nopper Alves em 1959 e teve três filhos. Exerceu a função de pastor até 1963, nesse mesmo ano foi estudar em Nova York, retornando em 1964, com o título de Mestre em Teologia. Foi membro da Comissão "Fé e Ordem", do Conselho Ecumênico de Igrejas e diretor de estudos sobre Igreja e sociedade na América Latina. Em 1968, denunciado pelas autoridades da Igreja Presbiteriana como subversivo, foi perseguido pelo regime militar brasileiro, e por isso abandonou a Igreja Presbiteriana e a exilando-se nos EUA, onde cursou doutorado em filosofia. Foi Professor no Instituto Presbiteriano Gammon em Lavras, Minas Gerais, no Seminário Presbiteriano de Campinas, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro e na UNICAMP, onde recebeu o título de Professor Emérito e criou vários grupos de pesquisa. No ano de 1974, ocupa o cargo de professor- titular de Filosofia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), na UNICAMP. É nomeado professor- titular na Faculdade de Educação da UNICAMP e, em 1979, professor livre-docente no IFCH daquela universidade. No início da década de 80 torna-se psicanalista pela Sociedade Paulista de Psicanálise. Também publicou livros de literatura infantil e poesia. Foi integrante da Academia Campinense de Letras, com formação eclética, transitando pelas áreas de teologia, psicanálise, sociologia, filosofia e educação. Após ter lecionado em universidades, ao se aposentar tornou-se proprietário de um restaurante na cidade de Campinas, onde deu vazão a seu amor pela cozinha. No local Ele mantinha um grupo, chamado *Canoeiros*, que se encontravam semanalmente para leitura de poesias. Ele foi também integrante da Academia Campinense de Letras e cidadão honorífico da cidade de Campinas, na qual também obteve a medalha Carlos Gomes, por sua

trajetória cultural. Residiu por várias décadas em Campinas, Rubem Alves foi um apaixonado pela vida, um compulsivo fluídor. Afirmou que: Ainda não havia escrito todos os textos e todos os livros que trazia no pensamento, ainda não havia sentido, amado, brincado e rido o bastante, ainda não teria respondido a todas as cartas e mensagens dos amigos, ainda não havia provado de todas as ausências e de todas as saudades, ainda não havia espreitado todos os mistérios do mundo.

Rubem Alves também mantinha o Instituto Rubem Alves, uma associação aberta, sem fins econômicos e de interesse público, fundada pelo escritor e educador e sua família. O objetivo era ser um marco na educação, através do desenvolvimento de programas inovadores e alternativos.

O "Ensinar" era descrito por Rubem Alves como um ato de alegria, um ofício que deveria ser exercido com paixão e arte. É como a vida de um palhaço que entra no picadeiro todos os dias com a missão renovada de divertir. Ensinar é fazer aquele momento único e especial, rindo dizer coisas sérias, mostrando que está, na verdade é a forma mais eficaz e verdadeira de transmitir conhecimento. Considerado um dos maiores pensadores da educação no Brasil, Rubem Alves deixou uma inestimável contribuição para a cultura brasileira. Suas obras estão divididas entre a Teologia, Filosofia da religião, Meditações/crônicas, filosofia da ciência e educação e Literatura infanto-juvenil.

Entre suas obras estão O Enigma da Religião, Protestantismo e Repressão, O Suspiro dos Oprimidos, Variações sobre a vida e a morte, Pai Nosso, Tempus Fugit, Da Esperança. Autor de vários livros nesta área, Rubem Alves é considerado por muitos estudiosos, como uma das maiores personalidades no cenário teológico brasileiro, criador de uma teologia política, que posteriormente seria chamada de Teologia da Libertação. Percebia no humanismo um messianismo restaurador, desta forma desde os anos 60 participava do movimento latino-americano de renovação da teologia. Na visão de Alves, a libertação não surgiria da intervenção sobrenatural de um ser superior que faria um milagre concreto, mas guiaria espiritualmente a atividade dos seres humanos na história que conduziriam a humanidade pelo caminho da liberdade. Por conta de sua posição liberal, logo lhe surgiriam vários problemas em seu relacionamento com o protestantismo histórico e especialmente presbiteriano, sendo questionado por suas ideias, teve que abandonar o pastorado. Por conta

dessa experiência que surgiu o livro "Protestantismo e Repressão", que busca elucidar os labirintos do cotidiano histórico deste movimento religioso. Na obra "Cristianismo: ópio ou libertação?", fala do mundo do proletariado, referindo-se a uma nova consciência ecumênica, que iria unir os povos do Terceiro Mundo, os negros, os estudantes e outros grupos dos países ricos; seria uma consciência não restrita às fronteiras nacionais, econômicas, sociais ou raciais. Também escreveu um livro em inglês que falava do futuro da humanidade, "Filhos do Amanhã", onde retratou de como um futuro libertador dependia de categorias que a ciência ocidental havia desprezado. Lançou ainda um livro chamado "Variações sobre a vida e a morte", onde retrata a construção de uma teologia poética, preocupada com o corpo, com a vida em sua dimensão real.

#### **NO CAMPO DA FILOSOFIA DA RELIGIÃO:**

Lançou alguns livros dentre os quais; O Enigma da Religião, O que é Religião?, Dogmatismo e Tolerância, O Suspiro dos Oprimidos e Perguntaram-me se acredito em Deus

#### **PUBLICOU TAMBÉM COLETÂNEAS DE SUAS CRÔNICAS QUE ESTÃO REVELADOS EM LIVROS COMO:**

As contas de vidro e o fio de nylon, Navegando, Teologia do cotidiano, A festa de Maria, Cenas da vida, Concerto para corpo e alma, E aí? - Cartas aos adolescentes e a seus pais, O quarto do mistério, O retorno eterno, Sobre o tempo e a eterna idade.

#### **EM FILOSOFIA DA CIÊNCIA:**

Lançou filosofia da ciência e entre a ciência e a sapiência.

#### **EM EDUCAÇÃO PUBLICOU:**

Conversas com quem gosta de ensinar, Estórias de quem gosta de ensinar, A alegria de ensinar, Por uma educação romântica, Fomos maus alunos, A Pedagogia dos caracóis, A Escola com que Sempre Sonhei sem Imaginar que Pudesse Existir, O Livro sem Fim.

#### **EM LITERATURA INFANTO-JUVENIL:**

A menina, a gaiola e a bicicleta, A boneca de pano, A loja de brinquedos, A menina e a pantera negra, A menina e o pássaro encantado, A pipa e a flor, A porquinha de rabo esticadinho, A toupeira que queria ver o cometa, Estórias de bichos, Lagartixas e dinossauros, O escorpião e a rã, O flautista mágico, O gambá que não sabia sorrir, O gato que gostava de cenouras, O país dos dedos gordos, A árvore e a aranha, A libélula e a tartaruga, A montanha encantada dos gansos selvagens, A operação de Lili, A planície e o abismo, A selva e o mar, A volta do pássaro encantado, Como nasceu a alegria, O medo da sementinha, Os Morangos, O passarinho engaiolado, Vuelve, Pájaro Encantado.

Rubem Alves faleceu em Campinas, São Paulo, no dia 19 de julho de 2014, por falência múltipla de órgãos. O corpo foi velado no plenário da Câmara Municipal de Campinas, no interior paulista, cidade onde o escritor mineiro morava. Como pedido, seu corpo foi cremado em Guarulhos e as cinzas espalhadas sob um ipê amarelo

#### **A SEGUIR DESTACAMOS À TÍTULO DE ILUSTRAÇÃO, ALGUMAS DAS BELAS FRASES DITAS POR RUBEM ALVES:**

*Que você seja, com todas as crianças, da alegria sempre um aprendiz, para citar o Chico, e que a escola seja este espaço onde se servem às nossas crianças os aperitivos do futuro, em direção ao qual os nossos corpos se inclinam e os nossos sonhos voam... (Rubem Alves - Estórias de quem gosta de ensinar. Cortez/Autores Associados, 1984, p.106)*

*“O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança; tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor, intérpretes de sonhos”. (Rubem Alves – Estórias de quem gosta de ensinar. Cortez/Autores Associados, 1984, p.105)*

*“Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas”. “Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre tem um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo”.(Rubem Alves – Por uma educação romântica.Papirus, 2002.p.29)*

*“Enquanto a sociedade feliz não chega, que haja pelo menos fragmentos de futuro em que a alegria é servida como sacramento, para que as crianças aprendam que o mundo pode ser diferente. Que a escola, ela mesma, seja um fragmento do futuro...”*.(Rubem Alves – *Estórias de quem gosta de ensinar*. Cortez/Autores Associados, 1984, p.105)

## **CAPÍTULO 02**

### **AS CRÍTICAS DE RUBEM ALVES À ESCOLA TRADICIONAL BRASILEIRA**

Rubem Alves fez várias críticas a escola tradicional no Brasil e ao seu modo de ensinamento, através de histórias contadas em alguns de seus livros sobre educação. Aos quais cito, três deles a que me inspirei para escrever este capítulo, são eles: “Estórias de quem gosta de ensinar”; “Conversas com quem gosta de ensinar” e “A alegria de ensinar”. Em A alegria de ensinar Ele também faz referência sobre o prazer de ensinar. Nas entrelinhas das histórias traz a preocupação em questionar os métodos educacionais, se estariam sendo corretamente aplicados. Começo este capítulo falando o que entendi em “Estórias para quem gosta de ensinar”, onde o autor em cada capítulo conta uma história bem articulada, numa linguagem simples, que leva o leitor a se apegar a detalhes que poderiam nos passar despercebidos, em meio à uma rotina de atividades educacionais. Para isso o autor mergulha em um universo próprio de fantasias, criando histórias com lições típicas de um entusiasta da educação. Ao ler as histórias contadas, percebo que há um interesse do autor em fazer com que, em meio a doutrina cotidiana, haja ocasião para se pensar as bases teóricas da educação. Perguntas implícitas em cada conto, levam o leitor a pensar, por quê se ensina, para quê e para quem? Pode-se perceber nas entrelinhas de cada história a preocupação em questionar os métodos de ensino aplicados em nossas escolas.

#### **2.1 ESTÓRIAS DE QUEM GOSTA DE ENSINAR**

Iniciando suas histórias, um caso comum em nossas famílias é relatado, onde o pai pergunta ao filho o que ele gostaria de ser quando crescesse, inevitavelmente aguardando que o filho responda uma profissão que pudesse ser seu prenome, Engenheiro fulano de tal, Advogado, etc. No entanto, o autor sugere um drama familiar no qual o pai, impedido de questionar sobre o futuro do filho que tem leucemia, apenas pode usufruir da presença do filho enquanto pode, não esperando o que ele será quando crescer. Rubem Alves critica nesse conto a utilidade social que é apresentada a criança, sugerindo-lhe que somente quando ela for uma pessoa produtiva, socialmente útil, é que ela terá algum valor. Assim, o autor questiona a motivação do ensino-aprendizagem, ou seja, a criança deve aprender apenas para acumular



conhecimentos que serão úteis profissionalmente? Ou o estudo deve ser prazeroso, o vendo como lúdico e transformador? E assim as demais histórias vão sendo construídas, mostrando a habilidade do autor em contar histórias.

Outra história engraçada mas não menos crítica é “ Pinóquio as avessas” o autor relata, que o leão, o rei dos animais, resolve que todos os bichos devem aprender e deixar a ignorância. Então, chamam os urubus e lhes dá a gestão desta nova escola. Os urubus, em sua beca impecável, decidem que devem começar pelo currículo, ou seja, o que os bichos aprenderão. Eles resolvem tudo a seu gosto e tentam, ainda que inicialmente com algum sucesso, fazer com que os animais andem, procedam, aprendam conforme seus métodos e vontades. No entanto, ao final, percebe-se que os animais não se satisfazem e estavam sempre fazendo o contrário do que estava no currículo. Essa sugestão fala da manifestação unilateral do estabelecimento do currículo escolar. Os alunos e demais atores não foram consultados sobre o que poderiam aprender, como fazê-lo e, por isso, não se sentiam parte integrante daquele sistema, apenas receptores passivos do que lhes impunham.

Quando conta a história de “Pinóquio”, Ele inverte a lógica original, onde o boneco de pau é estimulado a ir para a escola, para virar gente, pois se não fosse ficaria burro e diz que há escolas, onde se entra carne e osso, saindo de lá um boneco de pau. Nota-se uma crítica ao engessamento, a inflexibilidade, as nossas formas de ensino, que excluem a humanidade, apegando-se a métodos rigorosos.

Igualmente questionadora é a história dos urubus e sabiás. O autor descreve uma cena apresentando animais falantes de uma terra e um tempo distantes. Urubus resolvem, contrariando sua natureza de não serem canoros, ser grandes cantores e para isso fundam escolas, importam professores e tomam outras medidas consideradas necessárias. Concursos são realizados para apontar o melhor urubu-cantor, o qual seria o mais importante e celebrado dos urubus, recebendo, inclusive, um título distintivo. Porém, toda harmonia e bom funcionamento da escola e rotina dos urubus é quebrada com a chegada de alguns pintassilgos, canários e sabiás que brincavam e, denunciando sua natureza para o canto, rompiam com a normalidade rotineira dos urubus. Houve uma convocação para saber dos intrusos cantores sobre suas credenciais para o canto, a saber, seus diplomas e alvarás em concursos. Os pássaros nem sabiam que tais coisas existiam, eles só sabiam que cantar estava

em suas naturezas e, assim o faziam. Como veredito, eles foram expulsos da floresta, pois não estavam qualificados para isso. Neste caso, o autor sugere a moral: “Em terra de urubus diplomados não se ouve canto de sabiá (Alves, Rubem, São Paulo, Cortez, 1988 p.62)”. Qual a importância das formalidades, dos títulos, das técnicas? São perguntas simples, mas que produzem uma reflexão sobre o que se valoriza mais no mercado de trabalho, na vida e na escola.

A estória do urso burro é aquele que em um primeiro momento não consegue aprender o que lhe é ensinado fora de seu ambiente natural e não dá lucro ao circo, mas quando o circo, ou seja, a educação acadêmica termina o urso burro consegue se integrar a natureza, enquanto o urso que aprendia tudo perdeu seu instinto natural e sem atitude, não consegue ter vontade própria. Em “os grandes contra os pequenos”, o autor relata a estória que aconteceu de verdade, com um menino de oito anos, amigo dele.

*Ele fala que a pinoquização já se iniciara, após ouvir os relatos da mãe do menino sobre seu comportamento, e depois de uma conversa que teve com o menino. Um menino de carne e osso já não usava mais suas próprias palavras. Repetia o que a professora dissera... (Alves, Rubem, Cortez 1988, p.68).*

A educação cria bonequinhos de pau que ficarão deformados criando orelhas de burro se não forem a escola e aprenderem exatamente como a professora ensina, como marionetes de repetição.

Em o país dos dedos gordos o autor faz críticas aos vestibulares e como eles massacram os alunos e seus pais e no final nem todos conseguem alcançar seus objetivos, que é passar no vestibular e conseguir uma vaga no curso desejado. Ele descreve que a mudança no mundo fez com que os jovens brasileiros se enquadrassem na corrida do vestibular que determina se estão preparados a cursar o ensino superior. Neste processo por um futuro promissor, os pais deixam de lado as concepções antigas de educação e passam a estimular o acúmulo de conteúdo a ser assimilado, por seus filhos, para que tenham bons resultados. Nessa corrida injusta onde há menor número de vagas do que participantes a frustração se instala a cada ano, pois a demanda aumenta. Preocupando-se que a educação tome novos rumos e o conhecimento cumulativo dê espaço a uma visão ampla e que possa garantir

pessoas criativas e com capacidade de transformação. Comparando os vestibulares a uma doença e as instituições sociais como os medicamentos Alves afirma que a cura, seja pior que a doença devido aos efeitos colaterais. Referindo-se aos padrões que as escolas adquiriram devido a essa corrida insensata. Enquanto os vestibulares alimentam os padrões de conhecimento exigidos para teste eles manipulam as escolas que acabam por não incentivar métodos que estimulem os diversos padrões de inteligência. O autor critica a falta de ação dos professores diante desse processo emburrecedor, “assim é a inteligência vestibulanda, em direta oposição à inteligência científica”. A tese é simples: *“Os exames vestibulares se encontram entre os maiores vilões da educação brasileira. Seu poder de aterrorizar e intimidar é maior que todas as nossas filosofias e portarias, empacotadas. (Alves, Rubem, São Paulo, Cortez 1988, p. 74).*

Um amigo meu sugeriu que uma boa alternativa para os exames vestibulares seria um sorteio. Cada candidato teria um número. Os resultados poderiam aparecer junto com a lista de premiados pela loteria. Achei que ele estava me gozando. Mas ele ficou sério e acrescentou: *“Absurdos são os vestibulares. Um sorteio seria muito melhor para todo mundo. Pense um pouco e verá.”(Alves, Rubem, Cortez 1988, p. 78).*

A ideia de vestibular como um sorteio lhe parece em primeiro momento do ponto de vista social um mecanismo capaz de dar chance igualitária aos pobres de acesso ao ensino universitário. A segunda consequência seria o desaparecimento dos cursinhos. A terceira consequência seria que o primeiro e o segundo grau ficariam livres do terror. Com isso o saber pelo saber traria alegria e prazer no aprendizado. Para o autor foi a melhor alternativa no momento para eliminar os vestibulares. A pressão desde os primeiros anos escolares pela escola que deseja resultados e pelos pais faz com que as crianças precisem desde muito cedo decidir suas vidas profissionais e andam dia a dia para esse fim deixando a infância de lado. A pressão dos pais aflige cada vez mais nossos adolescentes. Para os pais da o conselho de que esperem pela decisão de seus filhos e a estes que não tenham pressa nem medo de mudar se descobrirem que estão indo em um caminho indesejado. Neste contexto as crianças são investimentos para os pais tanto financeiros como psicológicos como meio de produções as crianças passam a uma invisibilidade. As escolas são instituições dedicadas a destruição das crianças e de seu riso. Os pais por sua vez fazem parte desse mecanismo e vivem correndo atrás de coisas que posam os fazer lembrar da felicidade da infância e redescobrir a vida como

brinquedo. “A escola doente adoce as crianças que desde cedo aprendem a repetir as frases dos professores e esquecem sua própria linguagem”(Alves, Rubem, Cortez 1988, p. 79).

. Aterrorizam as crianças estimulando a competição e exigindo o padrão estabelecido. Torturar as crianças em benefício do que posam ser um dia, não passa de crueldade dos grandes contra os pequenos. Se as coisas fossem vistas ou pensadas a partir das minorias que na verdade são a grande maioria a beleza esta escondida lá. Ela deve ser despertada pelos pais, pelos professores e os amigos.

## **2.2 CONVERSAS COM QUEM GOSTA DE ENSINAR**

No primeiro capítulo, “Sobre Jequitibás e Eucaliptos” o autor começa com o relato de uma conversa que teve com seu pai, onde falavam sobre antigas profissões, que ao longo do tempo foram desaparecendo e sendo substituída por profissionais mais qualificados, como: os médicos que atendiam nas fazendas e acabavam por se tornar amigo das famílias, o artesão, os tocadores de realejo, os boticários que faziam os remédios e o caixeiro viajante. Mediante esses pensamentos ele diferencia, professor de educador, fala que educador é vocação, onde envolve amor e professor é profissão. Diante disto Rubem Alves faz uma comparação do educador e o professor ao jequitibá e o eucalipto. Onde, os jequitibás são os educadores que são como as velhas árvores; possui uma face, um nome, uma “história” a ser contada. Habitam em um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sabendo respeitar a história de cada um. Os eucaliptos são os professores que habitam em um mundo diferente, onde o educador pouco importa, pois o que interessa é um “crédito” cultural que o aluno adquire numa disciplina identificada por uma sigla, manuseando os alunos como se fossem máquinas que já não pensam mais, apenas agindo por condicionamento. O educador não é muito compreendido porque não segue o ritmo do mundo da instituição; ele se importa com o aluno é comprometido com a formação integral do mesmo e com a sua interação com a família e a sociedade, busca maneiras de promover a transformação do seu aluno; é um mediador da relação ensino-aprendizagem. O professor é apenas o funcionário de um mundo dominado pelo Estado e pelas Empresas, onde ele tem a função de transmitir o seu conhecimento, impondo seus ideais como se fosse o detentor do saber. Ainda nesse capítulo

ele explica que a ética religiosa transformou a pessoa em uma “identidade de função”. Pois atualmente quando alguém nos pergunta quem somos, respondemos imediatamente com a profissão que exercemos na sociedade. Nisso temos o professor como um ser comandado pelo sistema e o educador pode ser definido pelas suas visões, paixões e esperança. Alves acredita que o próprio sistema é responsável pela “criação” do professor no lugar do educador, já que o professor é avaliado pelo seu serviço, pontualidade, formação acadêmica e artigos publicados. Segundo ele isso é de responsabilidade da lógica das instituições. O autor questiona a possibilidade de um retorno aos “anos de paixão religiosa”. Instiga a possibilidade de voltarmos a ser educadores e não somente professores. Para isso, segundo ele, é necessário que o professor reaprenda a “falar”, pois além de ser o instrumento do educador, as palavras têm um poder criador. Nisso, ele vê como necessário voltar-se para o passado, pois é relembrando que percebemos nossos erros e acertos. O professor, então é um especialista em reprodução enquanto o educador é pastor (guia) de projetos. Sendo assim, temos que “acordar” o educador que há em nós.

No segundo capítulo “sobre dizer honesto”, O autor cita a histórias das rãs, onde o pintassilgo tenta abrir os olhos das rãs que estão no fundo do poço e ele começa a contar como é bonita a vida do lado de fora daquele lugar, e assim foi por alguns dias, porém como em todo lugar existe aquelas pessoas que sempre são do contra e ali não era diferente ajuntaram-se algumas rãs e começaram a dizer que tudo que o pintassilgo dizia era mentira que não existia nada de bom além daquele lugar que elas moravam, e infelizmente as rãs deram ouvido para aqueles pensamentos, e um belo dia quando o pintassilgo voltou para conversar com as rãs; não deu tempo nem dele abrir a boca e lhe torceram o pescoço, empalharam e coloram no museu da conquista como forma de troféu. O autor nos compara à rãs no fundo do poço e acrescenta que devemos nos por em pauta em nossas próprias ideologias. Ele propõe a nos analisar no nosso lugar ideológico “nosso poço” e que recuperemos a coragem de falar com honestidade o que vimos, ouvimos e pensamos, pois as palavras podem até matar.

Em seu terceiro capítulo Sobre palavras e redes, ele nos compara às vespas que põe suas larvas e deixam-nas crescer sem mestre. Carregamos, segundo ele, uma carga biológica de conhecimento, pois livre do passado, esta vespa gozaria a liberdade absoluta, liberdade que

terminaria em morte, porque não saberia como perpetuar-se. Os seres humanos, por sua vez precisam ser ensinados e para isso utilizam a linguagem. Para ele, a educação é o processo pelo qual aprendemos uma forma de humanidade. E ele é mediado pela linguagem, portanto aprender o mundo humano é aprender uma linguagem. Segundo o autor, os olhos sucumbem ante o poder da palavra. Palavra esta falada e não escrita, porque até mesmo aqueles que não têm nenhum estudo são capazes de ensinar e aprender. O autor diz que as informações que nos alcança a cada momento é filtrada, selecionada, organizada, estruturada pela mediação da linguagem. É este mundo estruturado que determina nosso comportamento. E é por isto que o homem não é um organismo, mas um complexo linguístico chamado personalidade. Sendo assim os leigos, segundo o autor, pensam em implicação dos seus hábitos de linguagem, já os cientistas em decorrência das exigências da investigação. Para Alves, é necessário que se analise, fragmente, descreva, explique o existente e só então se crie. Daí a necessidade a analisarmos os valores da prática educativa. O discurso, então, se mistura à ação e traz à existência aquilo que ainda não existe. A educação formal, nesse caso, se dá dentro e por meio de instituições, mas o educador, para se eximir de sua culpa, usa como pretexto as leis do capitalismo. Para ele, somente a partir de pessoas concretas, de carne e osso, é que a linguagem é falada. As instituições são importantes, mas não são nada sozinhas.

Em seu quarto capítulo Sobre remadores e professores, diz que a precisão não é o único critério para a escolha do método. Nisso, entendemos que o método, às vezes se torna mais importante que a precisão, mas os fatores são heterogêneos, então não podemos nos ater somente no método. Segundo o autor, não podemos entender o processo educacional sem levarmos em consideração fatores como: biológicos, hereditários, psicológicos, social, econômico e político. A relevância do problema é mais importante que a metodologia, que nesse caso é apenas uma ferramenta provisória. De acordo com Alves: *“A ciência não nos pode dizer o que é importante ou não, não pode nos dizer se o mais importante é a análise das funções sócio políticas da educação ou a análise dos métodos educacionais mais adequados”*. A escolha dos problemas é um ato anterior à pesquisa que certamente tem a ver com os interesses e valores do investigador. O autor vai além quando afirma que: *“Todo ato de pesquisa é um ato político e que o conhecimento que se lança será usado por alguém num projeto de manipulação”* Educação e política, neste caso, têm a mesma função que é a de controlar o comportamento do ser humano. Ainda diz que, há pessoas que possuem o

conhecimento e observam a realidade de maneira objetiva e desapassionada, e pessoas que não possuem o conhecimento científico e são dominadas por preconceitos, paixões e ideologias. Essas são responsáveis pelos problemas da sociedade enquanto aquelas buscam soluções. Há portanto a alusão dos educadores com remadores, já que “ninguém sabe para onde vai o barco”. Os processos educativos, quando compreendidos de um ponto de vista sociológico, têm a função precisa de criar bons remadores. Para isso, vê-se como necessário que as universidades repensem seus programas de pesquisa. Como foram observadas, as colocações do autor nos mostra a necessidade de repensar e reavaliar, tanto a prática pedagógica e a formação dos professores, quanto os pontos consideráveis e essências nos métodos de ensino-aprendizagem e processo de formação. Nos mostra também o quão importante é a diferença e função entre professor e educador, pois a falta desse conhecimento distancia o educador de seus ideais e ele passa a ser considerado como um mau funcionário, uma vez que seu ritmo não segue o ritmo do mundo da instituição. Alves apresenta suas ideias de forma coesa, simples e clara, usando exemplos do mundo da natureza para mostrar aos educadores lições que dão sustentação para a sua prática. Neste sentido, os capítulos do livro cumprem os objetivos propostos, apresentando coerência entre si. O livro pode provocar boas reflexões porque, apesar de sua edição ser de 1982, seus conceitos não deixaram de ser pertinentes aos atuais contextos da Educação.

### **2.3 A ALEGRIA DE ENSINAR**

O autor usa personagens como, vaca, sapo dentre outros, para fazer um comparativo e demonstrar a forma como o ensinar é desenvolvido na vida dos alunos. O texto inicia trazendo a tona a questão da forma como o conhecimento é concebido, apresentando que muitos dos conteúdos e métodos disponíveis para os alunos não são absorvidos. E, muitas vezes, os professores não se preocupam em avaliar a satisfação, a alegria em aprender e sim estão presos a conteúdos. Os alunos são obrigados a um procedimento letivo cansativo e rotineiro, onde muitas vezes faz com que o conhecimento fique condicionado, não tendo fluência frente ao sistema em que a educação está inserida. A escola não é vista como espaço de prazer e sim de tormento e obrigação, onde a figura do professor representa um líder punitivo e sem atrativos para os alunos. As crianças são levadas a todo um processo forçado e pesado ao longo de sua vida escolar.

O autor critica a máquina educacional por aquilo em que ela pretende produzir, por aquilo em que ela deseja transformar nossas crianças e jovens. A forma como o aluno é avaliado faz com que a alegria e o prazer em estudar fiquem apagados. A escola deve levar a alegria de ensinar através de avaliações não tão metódicas e desestimulantes para os alunos. Deve-se levar em conta a particularidade do aluno. Não somente porque em determinada disciplina ele vai mal, será taxado por ser um mau aluno. Deve-se ter uma visão ampla do ensino, e da particularidade do aluno. A escola não deve fabricar alunos tipo robôs, sem personalidade, com respostas decoradas e sem criatividade. Nem tudo o que o mestre mandar deve ser feito. A escola deve ser espaço para novas ideias, para mudanças, para reciclar conceitos e estar aberta a novas discussões. Como bem exemplifica tal trecho do texto: “As crianças são ensinadas e aprendem bem. Tão bem que se tornam incapazes de pensar coisas diferentes. Tornam-se ecos das receitas ensinadas e aprendidas e incapazes de dizer o diferente”. Logo, a escola deve fazer com que os alunos se tornem independentes e autônomos, livres e críticos em seus pensamentos e atitudes para que sejam cidadãos conscientes de seu papel social. É dever do professor tentar entender as diferentes situações e conduzir o aluno, despertando o interesse e a curiosidade para que se descubra algo novo, pois as coisas não devem sempre ser levadas tão a sério ou de forma autoritária, é preciso que se brinque de forma ordeira depende dele a construção e a continuação dos sonhos destes alunos. Ensinar, mas ensinar com alegria, o autor mostra nesta obra que a alegria esta acima do ensinar e o lúdico é o principal caminho do conhecimento e não nos deixa esquecer o que somos. Fica evidente no pensamento do autor que a função do ensinar é um exercício imortal. É através do conhecimento que se vive eternamente e o pensamento nunca acaba e não morre jamais estando sempre presente no pensamento daqueles que um dia foi ensinado por nós, e assim seremos eternos, para sempre lembrados por quem um dia ensinamos. O professor que se deixa levar pelos sonhos dos alunos faz com que estes sejam levados a um aprender democrático onde todos tem o direito de sonhar e serem conduzidos com alegria às mudanças e a despertar as curiosidades em descobrir coisas novas. Ele diz ainda que é preciso brincar mais deixando de lado o autoritarismo, permitindo que através dos sonhos haja a verdadeira construção do saber.

Em “Ensinar a Alegria”, Ele nos traz uma análise interessante a respeito do prazer de ensinar trazendo a metáfora do “copo cheio” que diz: uma vez o professor estando cheio de



conteúdo, na forma de conhecimento, este experimenta o verdadeiro prazer de ensinar, à medida que se esvazia, transferindo o seu conhecimento a seus alunos, desde que, também consiga transmitir a estes alunos, o prazer também de aprender. Esse processo de enchimento – esvaziamento completaria então os dias eliminando a tristeza de vê-los passar sem nada poder fazer.

“Escola e sofrimento”, neste capítulo ele descreve o martírio dos alunos que frequentam escolas onde Professores são “Detentores do conhecimento”, onde uma classe dominante, de professores e administradores se impõem sobre os alunos, a classe dominada. Tem a posse do conhecimento, em detrimento da sabedoria, junto com a estratégia de impor uma técnica onde o que importa é o conhecimento em si e não o significado deste para os alunos. O autor concluir sugerindo que se pense mais em desenvolver a alegria do aprender entre os alunos e menos nesta postura autoritária do “aprenda e não discuta”.

Através de uma tirinha do Charles Brown, que mostra a visão equivocada, mas verdadeira, que as crianças e jovens tem na escola, a missão de tirar boas notas como garantia de se formar futuramente homens e mulheres bem sucedidos. O autor se mostra indignado com o nosso sistema educacional, ele o descreve como um sistema que ao invés de formar, deforma os alunos em sua essência, pelo que são submetidos a passarem em nome da educação, o desgaste físico e mental que na maioria das vezes é em vão, já que o aluno não consegue integrar o conhecimento a sua vida e acaba esquecendo quase tudo que estudou.

Em “Boca do Forno” nesta crônica, o autor relata uma teórica conspiração baseada no seguinte argumento: histórias infantis, como “boca de forno”, onde o aspecto do absurdo, naquele caso repetição do que “seu mestre mandar”, têm reflexo na realidade na forma de uma crítica de seus autores ao aspecto repetitivo do modelo de aprendizagem atualmente praticado nas nossas escolas. A partir deste ponto o autor conclui que este aspecto repetitivo limita a capacidade criativa dos estudantes, impedindo que estes busquem alternativas às soluções apresentadas e os limita na busca do desconhecido. O autor traz em sua obra a velha e já conhecida história: “O sapo”, que pode ser representado pelo aluno que acaba de chegar à escola em forma de príncipe que tudo sabe e muito sonho tem pela frente em seu reino da fantasia onde tudo acontece a qualquer momento e num passe de mágica passa por uma transformação e todo seu saber já não lhe serve e tem de aprender tudo de novo de forma dura

e rude. O príncipe que virou sapo e que voltou a ser príncipe. A partir desta conhecida história infantil, mais uma vez, o autor inteligentemente articula o conceito de esquecer para lembrar. Na medida em que o príncipe, que sabia o que é ser príncipe, vira sapo, aprende o que é ser sapo esquecendo o que é ser príncipe e finalmente, sentindo necessidade de mudar novamente, quebra o encanto e volta a ser um príncipe o autor nos mostra quão importante é esquecer para aprender. A partir desta reflexão o autor conclui com uma discussão sobre a importância da palavra, aprendida e esquecida, na formação do sujeito.

No capítulo “Vacacões e Moedores”, o autor continua sua crítica comparando que as crianças são como vacas, têm sonhos, são puras, mas inúteis à sociedade. Apenas quando passam por máquinas, moedores e vestibulares respectivamente, é que podem ser considerados socialmente aproveitáveis. Precisam morrer para serem úteis. Assim ele conclui que, para cada formando existe uma criança morta em suas lembranças e seus sonhos, para cada bife existe pelo menos uma vaca morta, segundo este interessante e poético argumento do autor.

Em “Eu Leonardo”, o autor faz uma reflexão sobre Leonardo da Vinci, que desenvolveu grandes habilidades, como pintor, arquiteto, poeta, engenheiro, biólogo, todas essas atividades, dentro de seu corpo vivia um universo e que em pleno século XXI provavelmente ele em uma situação prática, na qual seu chefe pede um relatório sobre um projeto de pesquisa e ele responde que no momento isto é impossível, porque está se dedicando a um projeto estético porque se apaixonou pela pintura de um quadro, provavelmente ele seria despedido. Neste capítulo o autor critica que o controle de qualidade do pensamento é cortar as asas da imaginação a fim de que ele marche ao ritmo da globalização institucional. O pensamento se tornou excelente ao preço de perder a sua liberdade. O Leonardo aparece nas dificuldades, na pobreza educacional por causa das escolas tradicionalistas que não devem dar respostas prontas por serem fáceis, pois apenas as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido.

Em “Lagartas e Borboletas”, o autor resume o que foi discutido até então: transformações envolvendo lagartas e borboletas, Leonardos e funcionários monótonos, vacas e moedores. E, então, discute o poder da Palavra, dito assim pelo autor, na transformação dos corpos, dos seres racionais, já que para os irracionais isto não seria muito eficiente. Neste

ponto entra a educação, uma técnica que utiliza a Palavra para transformar os corpos. O autor conclui, então, com mais uma crítica, na verdade a mesma crítica, ao modelo de ensino atual, formadores de indivíduos utilizáveis pela sociedade para produzir de acordo com os desejos da mesma. Algo que radical, mas com certo teor de verdade.

. Em bolinhas de gude, o autor fala em aprender com a idade, voltar a ser criança e ser feliz, esquecer o que se aprendeu e aprender de novo, observar a simplicidade como uma criança vê o mundo. Estas são as mensagens desta crônica do autor. Ele faz uma reflexão sobre as crianças, ao perceber sua neta brincando com bolinhas de gude. Para ele normal é ver as crianças como aquelas que precisam ser ensinadas, seres inacabados. Este capítulo sugere que os mestres se transformem em aprendizes, que os adultos se disponham a aprender com as crianças, pois a época exige a troca de conhecimento. É necessário esquecer a metodologia tradicional, do que se foi aprendido e que nos fez adultos, para ver o mundo com novos olhos. Aprender com a idade, voltar a ser criança e ser feliz, esquecer o que se aprendeu e aprender de novo, observar a simplicidade como uma criança vê o mundo. Estas são as mensagens que o autor transmite neste capítulo, pois para ele, a prepotência dos adultos, pais e jovens, os impede de entender o mundo das crianças e aprender com elas. Em vez disto, eles adultos impõem sua verdade às crianças podendo-lhes a simplicidade. No entanto há a esperança, que uma vez avôs e avós estes adultos tenham mais uma oportunidade de aprender com os netos.

“Um corpo com asas”, nesta crônica o autor descreve a transformação a qual somos submetidos quando entramos em contato com a Palavra (que é sinalizado em maiúsculo pelo autor). Para isto ele utiliza-se da metamorfose da lagarta para a borboleta. Neste caso, a Palavra nos faria sair de um mundo limitado (a folha para a lagarta) para visitar todo um universo real e imaginário (o jardim para a borboleta). As crianças são assim, borboletas soltas e expostas a perigos, que são o preço desta liberdade. O autor então conclui que um dia cada um de nós já foi criança, mas preferiu como adulto deixar de sê-lo, como uma lagarta que volta a ser borboleta, por puro medo daqueles perigos.

“Tudo o que é pesado flutua no ar” Neste capítulo o autor, nos relata que o mundo é para ser entendido como uma brincadeira de criança, com a simplicidade e a responsabilidade, mas os adultos não sabem, os professores não percebem, que a vida é para ser vivida na inocência da brincadeira. Tudo o mais que se aprende nas disciplinas como: matemática,

história, física, química, entre outras tantas, são brinquedos, puros objetos de prazer. Existe um comentário final interessante sobre o papel do professor nisto tudo, que é o papel de fazer com que seus alunos brinquem com o conhecimento, faça com que o pesado flutue, e assim possam ser mais felizes aprendendo.

“As Receitas” Nesta crônica o autor discute a forma atual como as escolas ensinam seus alunos, a qual se baseia na transmissão de um conhecimento sedimentado, um conjunto de perguntas e respostas, em algumas situações até um senso comum. O problema, segundo o autor, é que quando apresentamos o conhecimento desta forma e somente desta forma limitamos o aluno na elaboração de ideias, ideias estas fundamentais para o crescimento da nação. Assim, é preciso ensinar não só o que se sabe, mas também o que não se sabe. É preciso não somente olhar para o que se aprendeu, algo conhecido e cristalizado, mas olhar para o futuro desconhecido, que pode ser explorado com asas do pensamento.

“Ensinar o que não se sabe”, o relato sobre o mestre e discípulo. O mestre sabe que todos os homens são seres alados por nascimento, e que só se esquecem da vocação pelas alturas quando enfeitiçados pelo conhecimento das coisas já sabidas. Chega o momento em que o mestre ensinou o que sabia, e chega a hora de ensinar o que não se sabe, o desconhecido. O saber do mestre ensina a andar por caminhos sólidos, indica pedras firmes, onde poderá colocar os pés sem medo, mas na busca dos sonhos o discípulo terá de construir um novo saber, diferente daqueles que aprendeu e livrar-se da segurança que este conhecimento proporciona e cair no desconhecido, ousar atravessar campos nunca antes visitados, soltar as amarras do conhecimento sedimentado. Esta é a fórmula do aprender o que não se sabe, o que ninguém sabe, proposta pelo autor.

“O Carrinho”, esta crônica fala da arte de criar, quando não se têm recursos. Como uma criança que monta um carrinho com peças coletadas do lixo contra aquele pai abastado de recursos que compra um carrinho de última geração para seu filho. Este último será fatalmente esquecido, enquanto o menino que construiu o seu próprio carrinho, impregnado de lembranças da infância daquela criança e fruto de ideias, geradas com amor, será levado na lembrança para sempre. Neste contexto o autor conclui que o mesmo acontece com as nossas escolas onde os educadores lembram de solicitar mais verbas e recursos e esquecem de estimular as ideias, a criatividade, o amor pelo que se faz. Segundo Rubem Alves, descreve

neste livro, o professor mesmo diante das circunstâncias problemáticas que enfrentar no cotidiano, deve ensinar as disciplinas aos alunos de forma divertida lhes apresentando os conteúdos como se fossem “taças coloridas” promovendo sempre o prazer em descobrir o novo, tornando o ambiente, ou seja, a sala de aula acolhedora para que os alunos se sintam seguros e conseqüentemente venham a desenvolver melhor sua aprendizagem. Todos nós somos educados para, irmos à escola passarmos de ano com boas notas e adquirirmos um bom emprego, a cultura que recebemos é que somente estudamos para adquirir status social e não apenas para ampliar nosso conhecimento. Acostumamo-nos somente a repetir o que nos ensinam é mais cômodo não ter que encarar os desafios. Isto não nos permite ampliar nossos horizontes e nosso foco de informações fica limitado. Se não exercemos este papel como poderemos ensinar instigar em nossos alunos este desejo. É como se estivéssemos sendo alimentados por um ambiente que nos traz segurança e assim desejamos permanecer nele. Se deixarmos nosso pensamento voar damos asas à imaginação e de tanto pensar adquirimos qualidade de pensamento, e até conseguimos nos colocar no lugar dos outros, nos tornamos empáticos. Cabe ao professor tentar compreender as situações e buscar conduzir as mudanças, tentando despertar sempre o interesse e a curiosidade dos alunos em descobrir algo novo.

## CAPÍTULO 03

### O ENCONTRO DE RUBEM ALVES COM A ESCOLA DA PONTE E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Ao visitar a Escola da Ponte, em Portugal, Rubem Alves deparou-se com a realização do que sempre havia pensado como ideal de educação. Tão intenso foi seu deslumbramento decorrente dessa feliz descoberta que desta visita nasceu o livro cujo título deixa claro o que o autor sentiu ao conhecer a tal instituição: A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. O livro é um convite a repensar sobre a "Fórmula do Aprender" onde o importante é compartilhar aprendizado por meio da convivência amigável, respeitosa e solidária entre os professores e os alunos. O Autor traz uma visão diferente de tudo que a escola tradicional nos apresenta em seu método. Ele faz o relato de sua visita a Escola da Ponte, em Portugal, que surpreende pela maneira com a qual funciona: sem aulas, sem sinal sonoro para avisar a troca de aula, onde os alunos decidem o que querem aprender, e quando existe algum problema é montado um tribunal, o que leva os alunos a pensar sobre o ocorrido. Uma escola onde fazer lição de casa não é obrigação, uma escola ligada ao prazer de aprender, aos valores, a emoção, as descobertas, ao viver e conviver, aprender a ser, onde se constrói indivíduos participantes com consciência de liberdade e críticos. Nesta escola todos se conhecem, todos se tratam bem, e todos ajudam a todos. É um trabalho em equipe sem preconceitos e egoísmos.

O Autor traz uma visão diferente para se alcançar o aprendizado, *“desaprender, voltar a ver com os olhos da criança, retroceder e retratar o seu interior, seu reflexo, assinando o que se faz”*. Um recomeçar a aprender, uma liberdade para um novo aprender. Uma escola diferente da tradicional, um lugar onde alunos e professores convivem como amigos, onde não há turmas nem aulas convencionais, nem professores para cada disciplina. Lá se compartilham espaços, dividem-se ambientes, somam-se ensinamentos, vive-se em conjunto. Aprende-se autonomia, sendo o ensino um ato de colaboração mútua entre alunos e professores, numa verdadeira expressão de solidariedade. Uma forma de ensino onde o aluno e o professor dividem a tarefa de ensinar, sendo ambos indivíduos incompletos e que possuem características únicas. A principal crítica era considerar a criança como um ser capaz de ensinar e demonstrar conhecimentos, que os permitam dominar o jogo de interesse e as

facetas diversas que o mundo apresenta. Além disso, considerar um ensino individualizado se mostra ineficiente quando o professor comanda uma sala de 30 alunos tendo apenas um tempo limitado para apresentar seu conteúdo. Porém, foi em Portugal que um grupo de pessoas ousou pôr em prática essa ideia, encabeçado por José Pacheco, educador e pedagogo, surgiu uma escola com preceitos de autonomia aos alunos, ausência de programas e cronogramas e um ensino baseado numa relação de igual para igual.

Segundo Rubem Alves, a Escola da Ponte é uma referência de educação e cidadania. Na abordagem humanista, expressada nesta escola, e pela experiência dele, ao visitá-la, pode perceber claramente que há uma reformulação dos papéis do “professor” e do “aluno”, como membros de uma comunidade educativa. Nesta escola a educação é centrada no aluno, e se admira ao perceber que os alunos se auto constroem fazendo uma “ponte” entre eles mesmos e a vida social. As crianças que sabem ensinam as que não sabem independente das faixas etárias formando uma rede de relações de ajuda. Os professores são preparados emocionalmente para terem facilidade de se colocar no lugar do outro, para lidar com a relação professor-aluno expressa pela abordagem da inteligência emocional, e os alunos para expressarem seus sentimentos. A teoria da múltipla inteligência está presente o tempo todo na Escola da Ponte porque José Pacheco conseguiu notar as reais necessidades dos alunos e através da liberdade de expressão e estímulos, Eles desenvolverem suas habilidades. Há escolas que têm até boas intenções, mas porque são obrigados a cumprir os programas, dessa forma eles constroem vidas a partir desses programas. Na Escola da Ponte o conhecimento é construído a partir da realidade vivida pelas crianças, elas têm que sentir prazer em aprender. Segundo o Autor na ciência aprendida a partir da vida, ela não é esquecida nunca. A Escola da Ponte é um espaço partilhado por todas as crianças, vão aprendendo regras da convivência democrática sem que elas constem em um programa. O autor nos remete a um mundo imaginário, apaixonante, onde a arte de dividir o saber é emocionante e criativo. Um sonho realizado, transbordando consciência e que com certeza vai deixar marcas no caminhar da educação. Uma escola ligada ao prazer de apreender, repleta do lúdico, ligada à dança, à música, à poesia, à compreensão dos valores, lidando com as emoções, com as descobertas, buscando através das pesquisas o aprender a ser, a viver e a conviver. Construindo uma sociedade de indivíduos personalizados, participantes, democráticos e com consciência da liberdade e educados na cidadania. Uma escola onde aprender é fazer; é viver, pensar, criar,

inovar, é dar valor àquilo que se aprende na convivência, expressando a própria vida. Onde aprender tem várias formas. O livro faz uma crítica construtiva a novas maneiras de aprender, pelo simples prazer de aprender ou realmente buscando o que há de melhor na aprendizagem. Leva a um despertar para uma reflexão crítica que conduza à urgente tarefa de revolucionar o ensino, por meio da extensão dos resultados da pesquisa na educação.

Uma escola diferente, inovadora que com certeza é possível. Um lugar onde se buscam ferramentas e soluções em conjunto para uma convivência em grupo, uma comunhão de ideias, uma harmonia de sentimentos, um desenvolver de interesses, uma busca de aprendizagens em forma de pesquisa. O livro nos leva à uma reflexão, nos faz ver que é possível uma escola diferente, inovadora, que ensina o que é possível aprender ensinando a dividir os saberes, assim como é possível aos professores ensinar aprendendo, se assim derem espaço digno para os seus alunos desenvolverem seus saberes e buscarem. O Autor faz uma brilhante comparação entre a memória e um escorredor de macarrão, uma vez que ambos deixam passar o que não tem serventia e retém o que vai ser usado. Segundo o Ele, é isso que ocorre na Escola da Ponte, a aprendizagem se dá em cima do que vai ser utilizado, isto é, dos pratos que serão saboreados; aquilo que não pode ser apreendido é escorrido como a água do macarrão. Nas escolas tradicionais, os testes, provas e avaliações são aplicados enquanto a água ainda não escorreu; depois, grande parte desses conteúdos vai pelo ralo. O livro impõe questões de Rubem Alves e ele nos mostra que a educação pode sim encontrar novos caminhos, e para isso apresenta a digníssima Escola da Ponte, que possui métodos de ensino e aprendizagem simples, mas que revolucionariam a vida de todos, na qual apesar de ser professor universitário, Rubem Alves fala do desejo de voltar seu olhar para as crianças, pois nelas está à expressão de assombro, perplexidade, arrebatamento frente ao novo. Os adolescentes estão inseridos na triste lição de que aprender é chato, mas que é necessário para que possam passar no vestibular. Enfim a Escola da Ponte é uma excelência em exemplo de educação em Portugal e no mundo.

*As linhas de montagem denominadas escolas se organiza segundo coordenadas espaciais. As coordenadas espaciais se denominam “salas de aula”. As coordenadas temporais se denominam “anos” ou “séries”. Dentro dessas unidades espaço-tempo os professores realizam o processo técnico-científico de acrescentar sobre os alunos os saberes-habilidades que juntos, irão compor o objeto final. Depois de passar por esse processo de acréscimos sucessivos, à semelhança do que*



*acontece com os “objetos originais” na linha de montagem da fábrica, o objeto original que entrou na linha de montagem chamada escola (naquele momento ele chamava “criança”) perdeu totalmente a visibilidade e se revela, então, como um simples suporte para os saberes-habilidades que a ele foram acrescentados durante o processo. A criança está, finalmente formada, isso é, transformada num produto igual a milhares de outros. ISO- 12.000: Está formada, isto é, de acordo com a forma. É mercadoria espiritual que pode entrar no mercado de trabalho. (Alves, 2001, p.2)*

*O mestre estava a serviço dos aprendizes e não os aprendizes a serviço dos mestres. O mestre ficava andando pela oficina, dando uma sugestão aqui, outra ali, mostrando o que não ficara bem, mostrando o que fazer para ficar melhor (modelo maravilhoso de "avaliação"). (Alves, 2001, p.3).*

*A Escola dispõe de uma sala de informática onde os alunos fazem as suas pesquisas e aprende distinguir em o bom e mau. A menina que me guiava apontou para um computador num canto da sala imensa: É o computador do “Acho bom” e do “Acho mau”. Quando nos sentimos contentes com algo, escrevemos no “Acho bom”. (Alves, 2001, p.6).*

*Os problemas da escola são resolvidos em assembleia com participação de todos, inclusive das crianças. ““Estão a preparar a assembleia de hoje”. Temos uma assembleia que se reúne semanalmente para tratar dos problemas da escola e para sugerir soluções. “Aquele é o presidente”, ela me disse, apontando para um menino”. (Alves, 2001, p.6).*

*Disse, numa outra crônica, que quero escola retrógrada. Retrógrado quer dizer "que vai para trás". Quero uma escola que vá mais para trás dos "programas" científica e abstratamente elaborados e impostos. Uma escola que compreenda como os saberes são gerados e nascem. Uma escola em que o saber vá nascendo das perguntas que o corpo faz. Uma escola em que o ponto de referência não seja o programa oficial a ser cumprido (inutilmente!), mas o corpo da criança que vive, admira, se encanta, se espanta, pergunta, enfia o dedo, prova com a boca, erra, se machuca, brinca. Uma escola que seja iluminada pelo brilho dos inícios. (Alves, 2001, p.10).*

## SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO:

De acordo com as leituras a respeito de Rubem Alves, a escola tem que levar em consideração a criança e não o adulto, desse modo permitindo que a mesma expresse seus anseios, vontades, indagações acerca do conhecimento a ser construído no ambiente escolar.

Escritor, psicanalista, seminarista, autor de cerca de vários livros e professor emérito da Unicamp, Rubem Alves não deixa de ser provocador. Um dos assuntos favoritos do escritor é o tipo de ensino tradicional no Brasil, que segundo ele deveria passar por muitas mudanças. “Na educação brasileira o que é alvo de maior crítica para ele, é a relação do professor com o aluno de dar a resposta. *“Ele tem que provocar a curiosidade e a pesquisa”*, (Entrevista de Rubem Alves publicado pela Globo News, *Rubem Alves contesta o modelo de ensino: “não provoca a inteligência”* edição do dia 26/08/2012).

No entanto para acordar a inteligência, o escritor diz que os alunos, sejam crianças ou velhos, devem desenvolver os fascínios pelos caminhos desconhecidos. A prova do vestibular, considerada para ele como tola, é um dos alvos de crítica. Diz Ele que: *“se os reitores das universidades fizessem o vestibular, seriam reprovados, assim como os professores de cursinho. Então, por que os adolescentes têm que passar?”*. (Entrevista de Rubem Alves publicado pela Globo News, *Rubem Alves contesta o modelo de ensino: “não provoca a inteligência”* edição do dia 26/08/2012).

Segundo Rubem Alves, os professores deveriam pensar menos nas tecnologias de ensino e começar a sonhar junto com os alunos. No entanto, ele fala que os educadores devem passar a ouvir mais os estudantes e assumir a função de jardineiros. *“A escola deve ser um jardim”*, (Entrevista de Rubem Alves publicado pela Globo News, *Rubem Alves contesta o modelo de ensino: “não provoca a inteligência”* edição do dia 26/08/2012).

Ele também fala que, na sua vida, o sucesso veio a partir dos fracassos e destaca que o perigo não é algo a ser temido, mas sim cultivado. *“É preciso ter coragem para bater as asas”*. (Entrevista de Rubem Alves publicado pela Globo News, *Rubem Alves contesta o modelo de ensino: “não provoca a inteligência”* edição do dia 26/08/2012).

Alves faz críticas às grades curriculares e à atitude passiva dos professores. *“Eu digo que grade curricular foi uma expressão inventada por um carcereiro desempregado... a maioria das pessoas simplesmente aceita a grade curricular e os professores têm que dar o programa”* (Entrevista de Rubem Alves a Antônio Abujamra do programa *provocações da TV Cultura*, em 03/05/2011 <https://youtu.be/261y2OZvp60>).

E diz que os docentes não a questionam. Para isso, Rubem tem uma proposta: “*Eu pensei em construir um casa como seu laboratório*”. (Entrevista de Rubem Alves a Antônio Abujamra do programa *provocações da TV Cultura*, em 03/05/2011 <https://youtu.be/261y2OZvp60>).

Ele defende que a criança precisa aprender aquilo que será útil a ela na prática: “A criança é o centro do mundo do ponto de vista educacional. O Sol não é o centro, o centro é uma criança que está com vontade de viver, vontade de brincar, vontade de aprender”. O Autor critica as propagandas de crianças deficientes, onde o intuito das mesmas era mostrar que era possível transformar crianças cegas em fazedoras de vassouras, ou seja, elas virariam seres sociais e receberiam reconhecimento público se, e somente se, fossem transformadas em meios de produção.

Para o Autor, a escola deve ser um ambiente de troca de conhecimento mútua entre professores e alunos. “Essa ideia do professor ir lá dar uma aula, ficar na frente, os alunos copiando, isso não existe. Os professores são companheiros dos alunos, não tem nota, nota é uma inverdade porque aquilo que o aluno produz numa prova, não revela o que ele pensa”. Para Rubem Alves, os professores frequentemente reproduzem o conteúdo das apostilas. “É preciso que os professores parem e digam: Não vamos seguir o programa, vamos fazer as coisas que são essenciais no ambiente em que a criança vive. Então eu diria que os professores teriam que fazer sempre essa pergunta: Isso que eu vou ensinar serve para quê?” “A gente precisaria ter uma educação ligada com a vida, porque é pra isso que a gente aprende, para ver melhor, para ter mais prazer, para ter mais experiência, poupar tempo, não se arriscar”.

O autor fala que o fracasso da educação brasileira pode ser visto como um sinal de esperança se comparado a um estômago exigente. Se estiver vomitando tudo, é porque sabe o que é bom, sabe que precisa melhorar o cardápio. O pior seria se a nossa educação aceitasse tudo, feito urubu. Desde cedo as crianças já aprendem que o tempo se divide em tempo de aflição e tempo de alegria, tempo de escola e tempo de férias, tempo de dor e tempo de prazer. Tem escolas que devoram as crianças em nome de rigor, de ensino apertado, de boa base, de preparo para o vestibular. Ninguém pensa em boa base em termos de prazer, alegria, espírito comunitário, sentimentos generosos e humanistas, sensibilidade artística entre outros. O que

se vê é uma angústia geral e uma procura por escolas que apertam e desenvolvem o espírito individualista de competição e de deixar o outro para trás, como o exemplo do vestibular.

*Conhecimento idiota que a memória, sábia, se encarregará de vomitar o mais depressa possível. Dentro em breve nada mais restará. Apenas as cicatrizes. A ansiedade. Os olhares tristes e acusatórios dos pais. O dinheiro perdido. As recriminações. E o terrível sentimento de derrota. Como se a vida deixasse de fazer sentido, pois todos os rituais preparatórios diziam que entrar na Universidade era a única coisa que importava. É, eles contam as cabeças que ficaram. Nada dizem daquelas que rolaram pelo chão. [...] Os vestibulares instauram o ódio entre pais e filhos. (Alves, 1988, p. 82).*

Os exames vestibulares são como instrumentos de terror que determinam os rumos da educação com muito mais poder que todas as nossas leis.

*Rubem Alves afirma que: A educação tem estado piorando na razão inversa do crescimento da dificuldade dos vestibulares. Se nossa educação chegou aos níveis baixos em que ela se encontra, é porque os vestibulares chegaram, inversamente, aos níveis altos de dificuldade em que estão. (Alves, 1988, p. 83)*

O escritor também propôs uma nova avaliação do ensino. “O que adianta passar no vestibular se dentro de dois anos eu terei esquecido todas as coisas? Eu gostaria que a avaliação não fosse feita imediatamente depois que o vestibular termina. Eu gostaria que fosse feito anos depois. Porque o aprendido é aquilo que fica depois que o esquecimento faz o seu trabalho”, ressaltou. Cansado do método tradicional dos vestibulares, Rubem Alves esteve à frente da implementação do novo sistema de avaliação da Universidade de Campinas (Unicamp). “Nós estávamos cansados de vestibular de cinco escolhas, escolhas múltiplas. Nós queríamos um vestibular que revelasse a capacidade de pensar do aluno, nós queríamos a medir a capacidade de pensar.” “Aí, nós chegamos à conclusão de que a maneira que a gente tem de avaliar a capacidade de pensar numa pessoa só tem uma: mandar fazer uma redação”.

O dever da escola é de ensinar conhecimentos científicos, porém o mesmo deve se relacionar com os conhecimentos do cotidiano. Para que ambos coexistam e torne o conhecimento científico no âmbito escolar mais fácil e prazeroso de ser estudado, sendo o professor o mediador deste conceito, envolvendo os alunos. Assim como Rubem Alves afirma, essa teoria parte do pressuposto de que os alunos percebam que o conhecimento que é adquirido nas escolas vai além do espaço da sala de aula. Entendendo que a educação não é

uma ciência independente e que a escola faz parte da sociedade no geral. Agregando diversos tipos de culturas, raças e ideias tendo-os como desafios para satisfazer a todos, deixando de existir em si para si. Na educação, não basta apenas conhecer os dados e as informações de maneira isolada. Para que os conhecimentos adquiram sentido aos jovens, é necessário situá-los no contexto mais amplo. É necessário, pois, descobrir o que une os objetos de conhecimento entre si a fim de que tomem sentido no todo de que fazem parte. Uma das formas de promover o desenvolvimento da inteligência geral é incentivar o aluno à curiosidade, à interrogação, à dúvida, à atividade crítica mas também à solução de questões propostas pelas disciplinas escolares, cujo conteúdo, envolvendo a indução, a dedução, a discussão, pode ou não estar ligado à vivência do educando. Segundo o escritor, para se alcançar um bom nível de qualidade na educação básica é preciso capacitar professores: “O professor é o ponto central de qualquer programa de transformação do ensino brasileiro”. E ainda segundo Ele, as escolas devem ensinar a criança a pensar: “Para mim esse é o objetivo da educação: criar a alegria de pensar.” O escritor propôs, ainda, um novo tipo de professor. “É aquele que não ensina nada, não é professor de matemática, de história, de geografia. É um professor de espantos. O objetivo da educação não é ensinar coisas porque as coisas já estão na internet, estão por todos os lugares, estão nos livros”. Segundo ele, missão do professor não é dar respostas prontas. “As respostas estão nos livros, estão na internet. A missão do professor é provocar a inteligência, é provocar o espanto, é provocar a curiosidade”. Assim, para o educador, é a partir da curiosidade que o professor pode incentivar o gosto pela leitura.

## CONCLUSÃO

São várias histórias com uma mensagem em comum: A crítica a forma atual do ensino em nossas escolas. O autor parece bastante preocupado com a forma como educamos nossas crianças, o que acho bastante razoável. Somente não estou certa de como poderíamos implementar as ideias do autor. Parece um sonho se considerado claramente em todos os setores e fases do conhecimento, mas, adequado, pelo menos, quando considerado em determinadas fases e/ou setores da nossa formação educacional. Concordo plenamente com a visão de Rubem Alves que a escola deveria ser um espaço de alegria e de prazer, onde os alunos poderiam pesquisar o que desejassem e os professores os acompanhassem na aventura do conhecimento. Rubem Alves mostra que a educação pode ser algo que nos faz esquecer o que somos, a fim de nos recriar a imagem do Outro. A escola tradicional molda as crianças a este "Outro", e isto pode trazer um retorno econômico ao fim do processo, mas ele só se realiza ao preço da morte dos universos que um dia viveram, como possibilidades adormecidas no corpo das crianças, "toda borboleta deve se transformar numa lagarta". Por isso que as pessoas passam as suas vidas com a estranha sensação de que não era bem aquilo que desejavam, pois foram transformadas em alguma coisa diferente dos seus sonhos, e isto as condenou à infelicidade. "Um corpo com asas" é um texto em que, o "vovô" Rubem Alves, relata o crescimento constante do aprendizado de sua neta Mariana. Assim como uma borboleta, ao aprender a usar as palavras, Mariana começou a voar em espaços infinitos. Ao aprender a falar, ganhou o poder de voar pelos mundos que moram nas palavras. O autor descreve o corpo de uma criança como um espaço infinito onde cabem todos os universos. E quanto mais ricos forem estes universos, maiores serão os voos da borboleta, maior será o fascínio, maior será a possibilidade de amar, maior será a felicidade. Porém, as vezes acontece o contrário, as borboletas voltam ao casulo e se transformam em lagartas. "*Porque voar é fascinante, mas perigoso, é preciso que não se tenha medo de flutuar sobre o vazio com asas frágeis*". As obras do Autor, nos fazem refletir sobre a educação e a formação do professor, de uma maneira muito poética. São obras de leituras agradáveis, que nos levam a refletir através de contos relatados pelo autor. Ele fala que devemos ensinar com alegria e deixa claro que é um exercício de imortalidade, e que de alguma maneira continuamos a viver naqueles olhos que aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra, sendo que dessa forma o

professor não morre jamais. Este deve ser sempre o objetivo do professor, despertar o interesse pela aprendizagem, com prazer e amor, levando os alunos a descobrir o que estiver adormecido no seu interior, dando asas a sua imaginação, percorrendo caminhos novos, tornar-se crítico e livre para expor suas ideias e seus pensamentos. Na visão do autor, o ato de educar exige segurança, competência profissional, comprometimento, generosidade e acima de tudo amor. A alegria de ser professor é poder ensinar aos alunos a caminhar por passos firmes e seguros, e prepara-los para o desconhecido. O mestre é aquele que consegue despertar em um ser o prazer pela aprendizagem. A palavra tanto pode invocar príncipes quanto sapos, tanto pode acordar borboletas quanto lagartas. A educação pode ser um feitiço que nos faz esquecer o que somos, com o intuito de nos recriar a imagem e semelhança do outro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Alves, R. Estórias de quem gosta de ensinar. 12ª Ed. – São Paulo; Cortez; Autores Associados, 1988.

Alves, R. Conversas com quem gosta de ensinar – São Paulo; Cortez; Autores Associados, 1982.

Alves, R. A alegria de ensinar:– Campinas, SP; Papirus, 2000.

Alves, Rubem Escola da Ponte - Quero uma escola retrógrada...; Escola da Ponte 1; Escola da Ponte 2 Escola da Ponte 3 Escola da Ponte 4 Escola da Ponte 5 - Papirus Editora, Campinas, SP, 2001 e Edições Asa, Porto, 2001).

Vídeo [https://youtu.be/\\_OsYdePR1IU](https://youtu.be/_OsYdePR1IU): Rubem Alves – A escola ideal – O papel do Professor; entrevista do Autor à Revista Digital. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=\\_OsYdePR1IU](https://www.youtube.com/watch?v=_OsYdePR1IU)

Vídeo <https://youtu.be/MtGyHzIafLc>: Rubem Alves Fala sobre a Escola da Ponte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bcZRg9CyKRE>

Alves, Rubem - Pesquisa sobre a vida de Rubem Alves Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Rubem\\_Alves](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rubem_Alves)

Entrevista de Rubem Alves publicado pela Globo News, edição do dia 26/08/2012.

[g1.globo.com/globo-news/.../rubem-alves-contesta-o-modelo-de-ensino-nao-provoca](http://g1.globo.com/globo-news/.../rubem-alves-contesta-o-modelo-de-ensino-nao-provoca).

Entrevista de Rubem Alves a Antônio Abujamra do programa provocações da TV Cultura, em 03/05/2011 <https://youtu.be/261y2OZvp60>.